

Os estigmeídeos são, aproximadamente, do mesmo tamanho dos fitoseídeos, mas de forma e estrutura muito diferentes. Têm corpo mole, amarelado ou alaranjado, e ovos redondos, pequenos e amarelados. São, no entanto, menos ativos, têm menos possibilidades de dispersão e detetam as presas por contacto, parecendo ser eficientes na localização de presas de tamanho pequeno e de movimento lento, como os eriofídeos, que serão mais fáceis de capturar (Thistlewood *et al.*, 1996). *Agistemus collyerae*, há muito conhecido em Portugal em vários hospedeiros (Carmona e Dias, 1996), só recentemente foi identificado na oliveira, no Alentejo, tendo sido encontrado associado a populações de eriofídeos, podendo ser útil na sua limitação.

ARACNÍDEOS

ARANHAS
FERNANDO REI

A presença da ordem das aranhas (*Aranea*) em olivais tem sido reportada tanto na copa como no solo, através de vários estudos (Viggiani e Bianco, 1974; Heim, 1985; Castro *et al.*, 1996; Morris, 1997; Civantos, 1998; Martínez e Ruíz, 1999; Morris e Campos, 1999; Santos *et al.*, 2002; Ruano *et al.*, 2004; Cárdenas *et al.*, 2006; Rei *et al.*, 2011), presença essa que pode constituir um importante contributo para o controlo biológico dos artrópodes fitófagos nesta cultura, atendendo ao seu regime alimentar exclusivamente predador. Todavia, a sua abundância pode variar entre reduzida (Morris e Campos, 1999) ou ser um dos principais grupos de artrópodes capturados nos olivais monitorizados (Castro *et al.*, 1996; Morris, 1997; Morris e Campos, 1999; Ruano *et al.*, 2004), podendo corresponder a cerca de 20 % das capturas totais de predadores, num olival, sendo também o grupo onde ocorre maior diversidade de espécies (Morris, 1997). Várias famílias de aranhas foram já identificadas no olival, das quais se referem as famílias Thomisidae (Martínez e Ruíz, 1999), Zodariidae (Heim, 1985), Salticidae, Thomisidae, Philodromidae, Clubionidae e

Theridiidae (Morris, 1997), repartidas por espécies, número que se crê poder aumentar à medida que novos estudos sobre estas sejam realizados em olivais.

Na Figura 9.38., apresentam-se imagens de algumas daquelas famílias.

Em termos genéricos, as aranhas possuem duas formas de capturarem as presas: *atração* e *construção de uma teia* (p. ex.: famílias Araneidae, Linyphiidae, Theridiidae e Agelenidae). As *teias*, *aranhas caçadoras* (famílias Lycosidae, Salticidae; Oxyopidae e Clubionidae); *emboscada*, mantendo-se imóveis até a presa fique ao seu alcance (famílias Thomisidae e Philodromidae). Virtualmente todos os estádios de desenvolvimento das presas podem ser consumidos, podendo existir alguma especificidade quanto ao tipo de presas capturadas, nomeadamente devido à forma como as aranhas as capturam.

Com efeito, as aranhas que constroem teias têm maior probabilidade de capturarem insetos voadores, como dípteros e lepidópteros, enquanto as caçadoras (Mahr, 1996). Até à actualidade, usualmente o grupo das aranhas caçadoras de emboscada tem sido o mais observado nos olivais, podendo representar até cerca de 80 % do total de aranhas capturadas.

Geralmente, a ocorrência das aranhas nos olivais verifica-se, sobretudo, durante os meses de altas temperaturas mais elevadas (julho e agosto), podendo estar relacionada com uma maior tolerância às temperaturas que não a sua capacidade predatória (Schmalhofer e Casey, 2000). Esta tolerância ao calor beneficia as aranhas, porque assim têm acesso a presas ativas durante os períodos quentes. Esta capacidade poderá estar relacionada com a adaptação da fisiologia dos músculos e da produção de veneno ao metabolismo anaeróbico (Schmalhofer e Casey, 2000).

Contudo, vários fatores podem ter influência negativa na população de aranhas em olivais, como os associados a técnicas de mobilização do solo mais agressivas, sobretudo se realizadas no final do verão ou outono.